

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Misticismo e sua (re) significação – um estudo através das
Cantigas da Capoeira Angola¹

Ana Paula Rezende Macedo

Resumo: Esta pesquisa foi realizada a partir das ladainhas da Capoeira Angola e aqui refletimos sobre símbolos que evidenciam uma determinada religiosidade.

Palavras-chaves: Capoeira Angola, Memória, Religiosidade.

Abstract: This survey was done from ladainhas of the Capoeira Angola and now we consider symbols that prove determinate religiosity.

Key-word: Capoeira Angola, Memory, religiosity.

Capoeira não é religião e, cada vez mais, tende para o esporte e para a técnica. Porém, quando se fala em “Capoeira ritual” forma-se um quadro que combina a disposição em roda dos sujeitos participantes e a música instrumental e cantada, estabelecendo um campo, capaz de desenvolver episódios nem sempre muito racionais. O ambiente criado pela roda da Capoeira tende a ser profano e satírico, mas se faz como um ‘jogo perigoso’, onde a malandragem substitui a violência.

O objetivo desta apresentação, ao procurar certa compreensão deste universo, é estabelecer uma reflexão sobre alguns símbolos que, de alguma forma, são vistos como elementos místicos da Capoeira, além do universo religioso no qual estão inseridos alguns capoeiras e o processo de (re) significação destes símbolos.

Estes símbolos são as rezas que estão presente nas cantigas, além das histórias dos valentes de ‘corpo fechado’ por ‘orações fortes’, os santos e as entidades que são louvadas nas cantigas e símbolos como os gestos ao pé do berimbau, os patuás e o signo de Salomão. Estão na Capoeira, mas não a caracterizam se relacionam diretamente à crença dos capoeiras, são trazidos ou criados por eles e incorporados pela Capoeira, como os corridos a seguir exemplificam:

*- Ô Santa Bárbara do relampuê,
é do relampuê, é do relampuá
ô Santa Bárbara do relampuê (coro)*

¹ Este texto é parte do terceiro capítulo da dissertação: As Poesias da dança da Zebra – Capoeira Angola e Religiosidade.

- *Santa Maria, Mãe de Deus*
Fui na igreja, não me confessei
Santa Maria, Mãe de Deus (coro)
*Ôi mãe de Deus, é mãe de Deus.*²

- *Santo Antônio é protetor*
é protetor, é protetor
Santo Antônio é protetor (coro)
Ê da barquinha de Noé

E estes elementos de religiosidade não são apenas os que se relacionam ao cristianismo. Quando falamos em religiosidade na Capoeira, certamente o que mais vem à tona são suas ligações com o candomblé, mas conforme salienta Rego, “entre a capoeira em si e o candomblé existe uma independência. O jogo da capoeira para ser executado não depende em nada do candomblé.” (REGO, 1968: 97)

Compreender esses elementos contribui para as reflexões conceituais sobre religião e religiosidade, cujo universo social se relaciona à ‘sabedoria popular’. Neste viés, as linhas limítrofes entre candomblé e o catolicismo popular e a fé e a festa são tênues, todavia requerem um profundo e complexo conhecimento. Segundo Pastinha, “a capoeira é espiritualizada e materializada no eu de cada qual”.(DECANIO, 1996)

Contudo, esse processo de ensino aprendizagem no qual está inserida hoje a Capoeira tende a ofuscar e contribuir para o esquecimento dos significados e o desuso desses conhecimentos.

Ao memorar a Capoeira, Caribé fala

dos homens que tinham o corpo fechado às balas e às armas brancas e que desafiavam pelotões inteiros de policiais, homens que tinham tratos com mandinga, patuás poderosos; que viravam pé de mato nas horas de apêto e apareciam depois em Cachoeira ou Santo Amaro. Homens que desfaziam qualquer cilada ou cerco a golpes de rabo de arraia, rasteiras e cabeçadas. Nomes que ficaram na história valente da capoeira.(CARIBÉ, 1951)

Na movimentação da Capoeira os gestos de oração, fechar o corpo, bater a mão no chão, fazer o sinal da cruz, fundamentados em conhecimentos religiosos ou não, alimentam o caráter místico ou lúdico e, por vezes, podem ser lidos como secundários. É justamente na permanência, na interpretação (re) significada ou não que se destaca a importância desses gestos ritualísticos e se percebe, conforme os relatos já citados, a (re) atualização de um ritual advindo a partir de diferentes contextos, no início do século XX. Nessa linguagem ‘não verbal’ dos gestos e dos significados simbólicos das cantigas visualizam-se as possibilidades de uma leitura cultural.

Luiz Edmundo descreve este homem-capoeira do século XIX, do Rio de Janeiro, que muito se assemelha às descrições dos folcloristas baianos, dos depoimentos e da própria memória da Capoeira. Ele aponta o homem ambíguo que é o capoeira - junto com o sangue-frio, o instinto cruento, vive o piedoso, o temente da vontade de Deus.

Não lhe faltam, a par dos instintos maus, gestos amáveis e enternecedores. É cavalheiresco para com as mulheres. Defende os fracos. Tem alma de D. Quixote. E com muita religião. Muitíssima. Pode faltar-lhe ao sair de casa o aço vingador, a ferramenta de matar, até a própria coragem, mas não esquece o escapulário sobre o peito e traz na boca sempre o nome de Maria ou de Jesus. (SOARES, 2001:48)

Da mesma forma, na Bahia, estes indivíduos trazem sempre por perto o Signo de Salomão ou Cinco Salomão seguido da iniciais JMJ, significando Jesus, Maria e José, como podemos ver, por exemplo, em vários trechos dos manuscritos de mestre Noronha. (COUTINHO, 1993)

Os instrumentos musicais quase sempre são relatados como objetos místicos. O berimbau, dentre todos, é o instrumento que mais identifica a Capoeira, ‘o mestre da roda’. Segundo Fernando Ortiz, “o berimbau é um instrumento que fala com os mortos.” (REGO, 1968: 74)

Inserido em um universo social e místico, fruto de um hibridismo/transculturação de religiões européias, africanas e ameríndias, o brasileiro se expressa como um ser extremamente religioso, principalmente o nosso sujeito em ação. Existem alguns símbolos místicos que, juntos, ao mesmo tempo em que singularizam o universo do capoeira, refletem elementos comuns à cultura nacional, inclusive em diferentes regiões do país.

Todavia é comum ver, no interior da roda, gestos anteriormente feitos por *filhos de santos* e que significam uma saudação e uma reverência a seu protetor, ou ao *dono do lugar*. Muitas vezes, feitos por indivíduos que ignoram seu significado, folclorizando e encenando mandingas, transformando seu sentido em brincadeira, alegoria. No entanto, suas expressões verdadeiras e reais ou encenadas fazem parte da Capoeira.

As Ladainhas da Capoeira

O termo é uma apropriação e foi originalmente instituído no início do século VII, pelo papa Gregório Magno, como uma rogação coletiva contra calamidades. As ladainhas fazem parte dos sacramentais instituídos pelo papa e são orações de súplica, enquanto que na Capoeira ela adquire um sentido de louvação.

No universo católico, segundo Renato Almeida, a riqueza dos Benditos e Ladainhas é inestimável no Brasil. “Neles, o papel do povo não é criar, mas deformar, adaptando os cantos e deles se apossando em definitivo”.(ALMEIDA, 1942: 131)

A ladainha é um cântico litúrgico; na Capoeira deixa de ser cântico e se torna uma cantiga. Nela, a ladainha é o termo que passou a denominar o momento do preceito, que antecede o jogo. Estimamos que a entrada do termo na Capoeira se deu por volta da década de 60, indicando as longas poesias, geralmente vindas da literatura de cordel, que eram cantadas em tom dolente, *melncoso*. Após a poesia são cantados muitos versos respondidos pelo coro, em explícito tom de louvação. Independente do tema, alguns grupos chamam a estes de chula, improviso ou louvação.

Vários são os ‘fatos’ curiosos ou, melhor, misteriosos, coletados sobre o momento da ladainha. Um exemplo destes foi o ocorrido em um Encontro de Capoeira na cidade de São Carlos/SP. Um visitante tocando o berimbau gunga cantou uma ladainha, em seguida continuou com os corridos, quando o mestre João Pequeno, assentado em uma cadeira ao lado da bateria com uma baqueta na mão, sempre muito atento à roda, bate levemente a baqueta na perna do cantador e lhe dirige algumas palavras. Segundo o depoimento das pessoas que ouviram, mestre João Pequeno disse a este: “aqui só tem Jesus”. Alguns segundos depois o cantador desmaia, com o berimbau na mão.

A explicação para esses fatos não cabe a nós darmos, explicam-se da mesma forma que se explica a quebra do arame do berimbau, usa-se o fator do acaso ou não.

Outro símbolo que evidencia uma determinada religiosidade é São Bento. Na busca pela compreensão do que é o São Bento buscamos sua vida, ou seja, Bento de Núrsia, sua obra e a obra de seus missionários para compreender o que significa São Bento no interior desde processo de (re) significação. Entre o bem e o mal, São Bento é visto como protetor.

Segundo consta, Bento³ não sentiu medo algum perante a ‘morte onipotente’, nem nunca admitiu o nada. A senha ele a havia dado anteriormente: “Lembrar-se, sempre e em toda a parte, da morte. O pensamento da morte liberta o homem da letargia”. (REGO, s/d)

Na Capoeira as invocações a São Bento são de caráter preventivo, um ‘sotaque’ por vezes satírico para evidenciar a malandragem do outro.

Foi catalogada apenas uma ladainha com invocação a São Bento, mas existem vários cantos corridos:

³ São Bento foi um homem que ansiava mais pelos sofrimentos que pelos louvores deste mundo. Mesmo sendo identificado em outros tempos como símbolo da vida eremítica, o Patriarca dos monges, não foi ele que a inventou. Muito antes dele já os Padres do Deserto a haviam exercitado, opondo o radicalismo da existência cristã à massificação da Igreja. Recebeu o título ao escrever a sua Regra *sob a inspiração do Espírito Santo*. Também é visto como o Pai da Europa (in: REGO, W., Tetracentenário do Mosteiro São Bento, pág. 18.)

*Estava lá no pé da cruz
Fazendo minha oração
Quando apareceu um negro
Pintando imagem de um cão
Chamei por Nossa Senhora (2x)
Divina da Conceição
Chamei por São Bento Grande
São Bento Pequeno apareceu
Camarada*

Esta ladainha é significativa, introduzida com uma quadra do cordel *d'A Peleja de Riachão contra o Diabo*, além de trazer a menção à intercessão de Nossa Senhora da Conceição, que possui grande devoção no universo dos capoeiras e é também a festa na qual tradicionalmente se realizam rodas de Capoeira; também menciona a maior disposição de São Bento Pequeno no auxílio ao pedinte.

Uma das interpretações para a classificação de um santo como Pequeno ou Grande, conforme a pesquisa refere-se ao lugar no qual a imagem está colocada. Assim, o santo Grande é aquele que está lá na Igreja e, no imaginário popular, sua intercessão nem sempre se dá de forma fácil, livre e direta, necessitando muitas das vezes do intermédio do pároco. O santo Pequeno é aquele que ‘habita’ o interior das casas, dentro dos nichos muito comuns nas residências até o início do século XX. Hoje é peça comum nos museus. A crença no santo Pequeno, muitas vezes, é maior que qualquer outra. Para o homem simples é ele que tem a força de intercessão e o ouvido para escutar os pedidos deste. “O grande, lá das Igrejas, só serve para o povo das letras”.⁴ Uma melhor explicação sobre este aspecto poderá ser encontrada nas menções a Santo Antônio.

Na Capoeira, São Bento dá o nome ao principal toque do berimbau que pode ser: o são bento pequeno invertido, também chamado de toque de angola, tocado pelo berimbau gunga, o são bento pequeno tocado pelo berimbau médio e o são bento grande, executado pelo berimbau viola.

Salomão também está presente na Capoeira de diferentes formas: como o mestre dos mestres, aquele capaz de convocar os homens à guerra; na utilização da estrela de seis pontas como o símbolo da Capoeira, provavelmente instituído por Bimba, mas presente na crença religiosa dos antigos capoeiras como um poderoso amuleto; e na mandinga, como expressão do conhecimento de Cipriano.

⁴ Explicação recebida dos moradores da cidade de São Félix, quando ao visitar a casa de uma colega, avistei um nicho cheio de pequenas imagens, dentre elas a de Santa Bárbara, muito cultuada nesta cidade, e a de São Cosme e São Damião. Semelhante explicação também foi ouvida na Ilha de Itaparica onde o culto a São Bento é mais forte.

Segundo o capoeirólogo Frede Abreu, uma forma de se compreender o valor simbólico de Salomão seria através do universo das ruas e de São Cipriano, cujo conhecimento é guardado como símbolo de poder.

O desenho ou a escultura do signo de Salomão, junta-se a outros símbolos, como a cruz sobre a ponta superior, conforme o desenho na cabaça do berimbau do mestre de Capoeira Noronha, onde se pode ver também, abaixo do signo de Salomão, as iniciais JMJ significando: Jesus, Maria e José. Este símbolo está presente também no monograma de mestre Bimba.

O ‘Signo de São Salomão’, padroeiro dos capoeiristas é usado no braço, perna ou peito, como tatuagem, ou dentro de uma bolsinha que se prende ao pescoço, também chamada de patuá, que segundo a crença vigente defende o portador contra os malefícios, mormente contra as tramas dos desafetos, a morte no combate e fecha o corpo das facadas e tiros. (...) (MESTRE BIMBA)

Segundo Jair Moura, conforme os ensinamentos do velho Tibúrcio, batuqueiro e antigo capoeira:

Vinte relíquias poderiam servir para a composição do patuá: ‘pedra d’ara’, ‘agnus-dei’, ‘sanguinho’, ‘calix-bento’, ‘cera de veia benta’, ‘leite de N. Senhora’, que era uma pedra alva com uma imagem em um dos lados, ‘terra da cova de Salomão’ entre outras. O capoeirista que possuía seu patuá constituído de qualquer dessas substâncias, tinha o poder ou a virtude, segundo arraigada crença, de livrar-se de todos os perigos, tornando-se forte e corajoso chegando, mesmo, a ter a faculdade de transformar-se em toco de pau, nas ocasiões que entendesse. A isso chamava os supersticiosos ‘corpo fechado’ ou ‘fechar o corpo’.

Os amuletos eram usados dentro de bolsas de pano ou de couro, junto a orações forte como a ‘ Cinco Solamão’, que em linguagem correta é ‘Signo Salomão’ e as iniciais ‘JMJ’(Jesus Maria José), de prodigiosos efeitos, contra os malefícios, mormente as tramas dos desafetos, morte em combate, etc. a oração da ‘Arca de Salomão’, muito conhecida dos velhos mestres, era a mais comum entre os capoeiristas. Finalizava assim:

*‘fecha-te corpo,
guarda-te irmão,
na santa arca de Salomão’”(MOURA, 1971: 20)*

Santo Antônio é o santo de Lisboa, de Pádua, o santo do mundo inteiro, o santo do dia-a-dia das pessoas,” o Santo da normalidade da vida” (POCCOLO, 1999). Dentre suas orações, a mais absorvida pelo conhecimento popular foi o “Responsório de Santo Antônio”.(PICCOLO, 1999: 66)

Na Capoeira, seu culto está associado a *Santo Antônio Pequenino*, grande milagreiro. Imagem que provavelmente é fruto da devoção às imagens dos nichos. Todavia, existem vários relatos da aparição deste no interior de quadros pintados ou em outros locais, mas sempre em tamanho pequeno. Existem várias quadras cantadas em ladainhas a Santo Antônio Pequenino, sempre como um forte intercessor para abrandar a força do outro.

*Santo Antônio Pequenino
É um santo malandrão
Jogador de capoeira
Na copa do meu chapéu*

O culto a São Cosme e São Damião, a São Mateus, a Nossa Senhora, Santa Maria, Senhora da Conceição, Iemanjá e as pelepas contra o diabo também fazem parte deste universo.

Na confluência do sagrado e do profano: A vadição, o terço, os búzios, a fé e a rua - A crença dos Capoeiras

Alguns trabalhos de pesquisa trazem elementos sobre a concepção ideológica e mística dos capoeiras que tendem a evidenciar uma identidade. Luiz Augusto Normanha Lima faz uma análise psicológica sobre o discurso de alguns mestres. O mestre René, angoleiro de Salvador, afirma:

(...) tem tanto mistério dentro da Capoeira Angola. Uma vez o mestre Curió tava jogando Capoeira, perguntei-lhe mestre quando o senhor está jogando Capoeira, você se auto transforma, ele fez assim: quando eu estou ali jogando Capoeira não sou eu que estou jogando é a Capoeira que está ali jogando.(...) (LIMA, 1991: 34)

E esclarece, mais adiante, *you tira essa coisa dentro de you, não é uma coisa que entra, ela sai.* (LIMA, 1991:40)

O embate entre Capoeira como religião, religiosidade ou técnica é constante e sua decifração relaciona-se às concepções pessoais de cada sujeito, podendo ocorrer identificações entre grupos de diferentes tempos históricos.

Recortando alguns trechos dos depoimentos colhidos por Lima, destacamos:

(...)A Capoeira Angola é muito mística; e a coisa mística you não consegue rotular, ela é uma máscara, é difícil.

(...) É preciso ensinar um sinal de enigma chamado berimbau. O bom capoeirista ele executa o berimbau, ele executa a música, a música traduz a mensagem, manda ele trabalhar com o corpo, o que a música determina aqui, ele executa na roda. Esse é o místico da Capoeira Angola, coisa que muita pouca gente sabe usar hoje, são os toques do berimbau. (...) porque na realidade a Capoeira Angola não é luta, é um jogo de luta, tem que ser dançada. (...).(LIMA, 1991:83)

E denuncia alguns aspectos de transformação e a importância da música.

(...) Hoje você vê na roda de Capoeira, o pessoal se abaixa se benze e entra pra jogar, eles tão levando para adiante aquilo que eles aprenderam, que eles viram fazer mas nem sabem o que é. Na realidade aquele ritual que é cumprido no pé do berimbau hoje o pessoal faz como uma forma automática. Uma forma de repetir o que eles viu alguém fazer. Mas na realidade ele não sabe o que é aquilo, que naquele momento o indivíduo tem um sentimento, ele tem uma forma de se precaver contra qualquer coisa que vai acontecer na roda de anormal.

O pessoal antigo, a maioria tinha ligação com o candomblé.(...).

Você chega lá, pede licença, aí tem que ter uma magia toda especial, eu não posso dizer o que, é mas tem muito a ver com a música que toca, que tem um significado todo especial, eu não vou dizer a você é isso ou é aquilo especificamente,

Segundo Pessoa⁵ (CRUZ, 1997), ao capoeirista não adianta velocidade e força na perna se “não tiver fé na sua capoeira e nos Orixás” (CRUZ, 2001:50), o que justifica o fato de chamar à pequena sala na qual treinava Capoeira de *campo de mandinga*.(CRUZ, 2001: 45)

Nos manuscritos de ms. Noronha, de ms. Pastinha, nos livros de Canjiquinha e Cobrinha Verde, nas reportagens e depoimentos de Tiburcinho, dentre outros, também é possível ver e destacar este mesmo universo religioso.

A mandinga, para mestre João Pequeno: *A mandinga já passou, antigamente preparavam mas não valia a pena, porque Besouro, no dia que pegaram ele de corpo aberto, o mataram* (MESTRE JOÃO PEQUENO, 2000: 19). Besouro é um dos capoeiras que mais representam a magia e o misticismo na Capoeira. Sua história se transformou em lenda.

O desaparecimento dos valentões e desordeiros levou, conseqüentemente, ao desaparecimento da força na crença mística que possuíam, ou seja, a mandinga. Ao que parece, os encantamentos estavam ligados à violência e bandidagem da Capoeira; a repressão e o desaparecimento de um fizeram com que o outro se retraísse. Segundo mestre Cobrinha Verde, “eu quando menino vi muitos, a policia procurando capoeiristas, e vê para prender, virava pé de mato, e o resultado é que outras coisa alguém lhe contará, é esta a verdade que eu digo”.(SANTOS, 1990)

Atualmente observa-se o encolhimento do conhecimento de um universo sagrado, místico, religioso, semelhante a um ‘catolicismo popular’ ou a um ‘candomblé cristão’, onde o movimento histórico e social cria um novo corpo híbrido, movido pela ‘fragilidade’ e pela ‘permanência’ da ‘eterna’ releitura da memória, no suceder de gerações e no caminhar em diferentes regiões do país. Expresso em uma transreligiosidade, às vezes fugaz, imperceptível e inexistente, às vezes incompreensiva, misteriosa e portadora de um imenso conhecimento das coisas que circulam a vida e a morte.

⁵ Escrito por ms. Bola 7, aluno dos mestres Pessoa Bababá, Bobó e Pastinha. Esta é outra obra em que a parte mística da Capoeira está presente.

A mandinga permanece resignificada na brincadeira, no processo de pacificação da Capoeira e na crença religiosa dos Capoeiras de hoje.

Mestre João Pequeno é testemunha e exemplo deste processo:

Antigamente existia na Capoeira um povo que usava a mandinga, as rezas que defendiam, que guardavam e os patuás. Hoje os capoeiristas não estão mais aprendendo esta espécie de mandinga, mas já estão substituindo pelo tóxico que faz ficar maluco e praticar o que é mal (...).(MESTRE JOÃO PEQUENO, 2000: 21)

Nesse discurso, como já dissemos, mestre João Pequeno não deixa de frisar. “Se procurar na Capoeira encontra parte de religião nela”.(MESTRE JOÃO PEQUENO, 200:31)

*- Cuidado com a falsidade
Que ela pode te matar,
Jesus Cristo rei do céu
Dela não pôde livrar* (MESTRE AUGUSTO JANUÁRIO, 2002)

Para mestre Boca Rica, “muita gente chega na roda e: “solta a mandinga aí”, não sabem nem o que é mandinga e ficam falando besteira né”. (SILVA, 2002)

Nesse caso, malícia seria um termo mais adequado se o dúbio não caracterizasse a ideologia das cantigas.

“Malícia que é nada mais que tapear o sujeito, que é um termo diferente da mandinga. A malícia é um jeito que você tem de burlar a vigilância do adversário”. (LIMA, 1991: 89)

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Renato. **História da Música Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Brigied e Comp. Editores, 1942.
- CARYBÉ. **O Jogo da Capoeira**. Salvador: Livraria Turista, Coleção Recôncavo, no. 3, 1951.
- COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola - Os Manuscritos do Mestre Noronha** (1976). Brasília: DEFER/CIDOCA - DF, 1993.
- CRUZ, José Luiz de Oliveira (Mestre Bola Sete). **Histórias e Estórias da Capoeiragem**. Salvador: Editora BDA – Bahia Ltda., 1996.
- _____. **A Capoeira Angola na Bahia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001.
- DECÂNIO. Ângelo. **A Herança de Pastinha**. Salvador: Coleção São Salomão 2 (Quando as Pernas Fazem Miserê: Metafísica e Prática da Capoeira - Manuscritos e desenhos – Estatutos do Centro Esportivo de Capoeira Angola, 1960), 1996.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis**. 1938. apud: SOARES, Carlos Eugênio Líbano. 2001.

- LIMA, Luiz Augusto Normanha. **Capoeira Angola - Lição de Vida na Civilização Brasileira**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação - PUC-SP, 1991.
- MACEDO, Ana Paula Rezende. **As Poesias da dança da Zebra – Capoeira Angola e Religiosidade**. Dissertação de mestrado / INHIS / Universidade Federal de Uberlândia, 2004. Mimeo.
- MESTRE AUGUSTO JANUÁRIO. **Depoimento**, 2002.
- MESTRE BIMBA. *Encarte*. s/ref. 1 LP.
- MESTRE JOÃO PEQUENO. **Uma Vida de Capoeira**. Salvador, 2000.
- MOURA, Jair. *Capoeirista de Antigamente não Brincava em serviço*. ”. Jornal **A Tarde**, Salvador, 10 de Julho de 1971.
- PICCOLO, Frei Agostinho S., OFM. **Santo Antônio do mundo inteiro**. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola - Ensaio Sócio - Etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.
- SANTOS, Marcelino dos. (Mestre Mau - org.). **Cobrinha Verde – Capoeira e Mandingas**. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. 1990.
- SILVA, Manoel. (Mestre Boca Rica). **Depoimento**. Salvador, 11/12/2002. Entrevista concedida a Ana Paula Rezende Macedo, 1 cassete sonoro, não publ.